



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

A ILUSÃO "SOCIALISTA"

A. de Lannes

O mundo sempre se debateu com o problema da liberdade e da igualdade. As tentativas de transformar a sociedade são bastante anteriores a Marx e a Lênin. O primeiro considerou utópicas as idéias dos reformadores sociais que lhe antecederam e marcou-se como fundador do "socialismo científico", isto é, de um socialismo capaz de se tornar real e prático.

Através de Lênin, Stalin e seus sucessores, Marx, realmente, mostrou ao mundo o que era o "socialismo científico": uma sociedade totalitária, materialista, fundamentalmente estatal e politicamente fechada.

Por outro lado, as inconveniências do capitalismo calcado na iniciativa privada têm sido analisadas, criticadas e servido de fermento para a pregação comunista.

Parece-nos importante uma reflexão sobre o campo econômico, e o artigo de Robert Nisbet, que se transcreve, serve bem para isso, pelas implicações que as atividades econômicas têm na vida da sociedade.

Está provado que o sistema econômico estatal leva a um acréscimo exagerado do poder político do Estado e desagua no totalitarismo comunista e, ao mesmo tempo, a alienação quase absoluta do mesmo Estado, em determinados setores da economia, pode alimentar maiores desigualdades sociais.

Definir o limite da intervenção do Estado na economia, no interesse da sociedade ou, como se costuma dizer, no interesse da segurança nacional, particularmente, nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, eis a questão.

Duvido que existam muitos intelectuais de esquerda que se identifiquem seriamente como socialistas.

É provavelmente verdadeiro, como Friedrich von Hayek argumentou há duas décadas em *The Constitution of Liberty*, que para todos os propósitos práticos o socialismo, como crença, esteja morto. O espetáculo de uma União Soviética totalitária iniciou o processo de desilusão, embora, olhando para trás, este tenha sido um processo glacialmente lento no Ocidente. Muitos acreditaram por muito tempo na Grande Mentira. E a mentira foi a seguinte: sim, existe repressão na União Soviética, mas ela é o produto do passado político russo e nada tem a ver com o socialismo como tal e, de qualquer forma, o povo está melhor do que estava antes da I Guerra Mundial ou do que estaria se não fosse a Revolução de 1917. Mas o fascínio da Grande Mentira diminui considerável e manifestamente; certamente no que diz respeito à União Soviética (começando sem dúvida por seus próprios intelectuais), e se existem alguns poucos e insesos atores de Hollywood, jornalistas e professores que hoje atribuem à China o mesmo papel que já coube à União Soviética na Grande Mentira, seu número não parece propenso a aumentar.

Até que a inteira realidade da União Soviética se tornasse visível, foi possível argumentar sobre os méritos do socialismo, não apenas em termos de sua prevista abolição da pobreza e de outras doenças sociais, mas também de suas benesses para com a liberdade e a individualidade. Houve muitas pessoas, durante toda a década de 30, que acreditaram, como Oscar Wilde o fez em 1891, em seu ensaio *The Soul of Man Under Socialism*, que muito mais importantes que os benefícios materiais que fluiriam do socialismo, estavam aqueles da espécie espiritual e moral. Abolindo-se as atuais cadeias da propriedade privada e da competição pelo lucro, declarou Wilde, pela primeira vez na história o homem poderá conhecer-se como indivíduo. "Do que se necessita é de Individualismo... Com a abolição da propriedade privada, então, teremos o verdadeiro, o belo e sadio Individualismo."

Oscar Wilde, apesar de todo o seu idealismo, não era inocente, como sugerem as seguintes palavras: "Se o Socialismo é Autoritário; se existem governos armados de poder econômico da mesma forma como eles estão agora com poder político; se, numa palavra, vamos ter Tiranias Industriais, então o último estado do homem será pior que o primeiro".

Como a história mostra com suficiente evidência, os socialismos dos séculos XX são de fato "tirantias industriais", são muito claramente "governos armados com poder econômico da mesma forma que de poder político". Mas foi necessário o transcurso de grande parte da última metade do século para que os intelectuais percebessem isso, que o totalitarismo soviético desde o início tinha menos a ver com seu "passado semi asiático" do que com o credo do socialismo unido ao poder do moderno estado político e suas forças militares. Por que alguém haveria de querer de outra forma? Onde o socialismo tenha-se instalado, em todo lugar onde tenha havido a conversão da propriedade pública — ou seja, em sua forma desenvolvida e completa — os resultados têm sido os mesmos.

O totalitarismo é inerente à moderna doutrina do socialismo simplesmente porque é impossível, e assim tem sido desde o início, separá-lo do tipo de poder que inere do Estado nacional. A socialização torna-se, necessariamente, nacionalização. Os "degraus" na direção do socialismo que Marx e Engels enumeraram no Manifesto Comunista ("centralização", "exércitos industriais", "toda produção concentrada nas mãos da vasta associação da nação inteira", etc.) provaram não ser degraus, mas edifícios, produto acabado. Não conheço exceção. O que o socialismo poderia ser, como ele poderia mesmo ser concebido na ausência do Estado nacional, é assunto sobre o qual apenas podemos especular. A realidade tem sido em nosso século uma fusão do ideal wilsoniano de nacionalismo e da estratégia leninista da ditadura do partido ou, antes, da liderança do partido. Nesta fusão, temos testemunhado um grau de poder sobre o indivíduo que nenhum déspota pré-moderno poderia sequer ter sonhado alcançar.

O que tem sido pouco percebido é o fato de que o socialismo provou ser mais uma realidade política do que uma realidade econômica ou social. Vale dizer, é muito mais uma relação entre o Estado e um agrupamento de indivíduos do que uma relação entre esses indivíduos. Falar em realidade e política é, na realidade, brandar o fato. Melhor seria dizer realidade militar. Por que, quem pode construir uma imagem mental da União Soviética, da China ou de Cuba sem que apareça o seu líder, vestido em uniforme militar, olhando um desfile de soldado? Além do mais, como Max Weber nos recorda, as origens do comunismo repousam nas associações militares primevas. Por tudo isso, e sem que um único socialismo livre possa ser encontrado em qualquer parte do mundo, agora ou no passado, não é difícil entender por que o dogma do socialismo morreu.

Mas, infelizmente, ele deixou descendência; e a principal delas é o Estado do bem-estar social. O objetivo fundamental do Estado do bem-estar social não é tão abstrato e místico como o socialismo. É, muito simplesmente, a distribuição da riqueza. Marx considerava o igualitarismo ilógico, ao menos como um objetivo a ser conquistado na sociedade burguesa, em domínio privado. Mas os nossos liberais partidários do Estado do bem-social, de mentalidade coletivista, não são tão astutos como Marx. Eles querem as coisas as duas maneiras. A proibição permanecerá privada, assim assegurando uma magnitude de produção que nenhum socialismo chegou perto de igualar, mas a igualdade será conseguida através da implacável taxação dos produtos e de quem mais puder contribuir. Isto é gentilmente chamado de taxar os ricos. A grande deficiência da redistribuição, entretanto, é, primeiro, que os políticos e burocratas são constantemente forçados a expandir as dimensões dos "ricos" em seus cálculos e, segundo, que a receita arrecadada é transferida, na prática, menos para os pobres do que para a burocracia ou para os elementos abastados favorecidos politicamente.

Aquilo que Bertrand de Jouvenel escreveu há um quarto de século ainda permanece válido: "Quanto mais se estuda o assunto, mais fica claro que a redistribuição é, com efeito, muito menos uma redistribuição da renda dos mais ricos para os mais pobres, como nós imaginávamos, do que uma redistribuição do poder dos indivíduos para o Estado". Em outras palavras, o que resulta de medidas igualitárias

não é absolutamente a igualdade mas a substituição de um grupo de "desiguais" por outro. Tão intimamente vinculados estão a redistribuição da riqueza e a centralização política em nossa sociedade, que se torna assunto de especulação, justamente agora, qual será o motivo dominante, igualdade ou poder? Qualquer que seja o impulso gerador, ficamos cada vez mais próximos do Estado Servil, de Hilaire Belloc, o Estado no qual "um número de famílias e indivíduos são constrangidos pelo direito positivo a trabalhar para a vantagem de outras famílias e indivíduos. . ."

O valor principal do capitalismo não é realmente a produção e distribuição desigual de bens, mas antes a garantia do setor privado, um setor da sociedade baseado sobre a propriedade e a renda, que é claramente distinguível, senão sempre separável, do poder do estado nacional. A economia capitalista é, por sua natureza, um poder, muito importante. É necessário um poder, escreveu Montesquieu, para conter um poder. As declarações de direitos nas constituições não são suficientes. De certo que no capitalismo eu incluo os sindicatos, as cooperativas e outras associações, cada uma das quais é, por sua vez, um poder componente do setor capitalista mais amplo. Não existem poderes de qualquer importância nos países socialistas para conter o poder do Estado ou do partido. A religião pode ser tolerada, mas será apenas isso: tolerada por conveniência. A religião não representa ameaça para o Politburo.

Existem estados que não são livres mas que têm economias capitalistas. Estes são usualmente marcados por governos militares, como a Grécia, durante certo tempo, e agora o Chile. Mas não conheço nenhuma sociedade livre que não seja capitalista em sua economia. A história indica que é mais fácil para um estado capitalista sem liberdade reconquistá-la, do que seria para qualquer nação onde o socialismo exista há longo tempo. Na Grécia tudo o que foi necessário foi a expulsão dos militares. Duvido que alguém tenha a mais leve idéia de como a União Soviética possa ser transformada, sob a melhor das circunstâncias, em uma sociedade livre. O que Oscar Wilde chamou de "Tiranía Industrial" penetrou muito fundo, tem sido a única realidade por muitas décadas.

* Robert Nisbet é professor de Filosofia na Universidade de Columbia e autor de "The Quest for Community" e "Social Change and History", entre outras obras.